

Originalfassung: Portugiesisch

Interiores II

## **Chovem amores na Rua do Matador**

de Mia Couto e José Eduardo Agualusa

### **I Acto**

APRESENTAÇÃO DE BALTAZAR

Me apresento,  
confessado,  
dos pés  
à alma.

Me chamo Baltazar Fortuna.

Tenho quarenta e nove anos.

Mas não mereço.

A idade que me calhava bem era trinta e três.

Sim, trinta e três.

Trinta meus e três das mulheres com quem vivi.

Bom, sou eu, Baltazar, o Balta, com 49  
incompletos...

incompletos, nem sei porque disse isto,  
os anos que vivemos são sempre incompletos.

De qualquer modo, agora já é tarde para ter idade.

As malditas mulheres sugaram-me o tempo,  
eu lhes dei anos e elas me devolveram enganos.

Me perdoem se falo atabalhado, misturando ideias e pensamentos,  
mas é que eu estou tomado por raivas antigas.

A gente sempre quer viver agora e morrer mais tarde.

Eu queria morrer só quando já não tivesse mais vida dentro de mim.

Übersetzung: Deutsch

Innenleben II

## **Die Geliebten in der Straße des Mörders** (Titel deutsche Fassung)

von Mia Couto und José Eduardo Agualusa

Übersetzung in deutscher Sprache von Klaus H. Pfeiffer

### **I. Akt**

VORSTELLUNG VON BALTAZAR

Ich stelle mich vor,  
eingestanden,  
vom Fuß  
bis zur Seele.

Ich heiße Baltazar Fortuna.

Ich bin neunundvierzig Jahre alt.

Aber ich verdiene es nicht.

Das Alter, das zu mir gut passen würde, ist dreiunddreißig.  
Ja, dreiunddreißig.

Dreißig meines und drei der Frauen, mit denen ich lebte.

Gut, das bin ich: Baltazar, der Balta, mit 49  
unvollständig ...

unvollständig, ich weiß nicht einmal warum ich das gesagt habe,  
die Jahre, die wir leben, sind immer unvollständig.

Wie auch immer, jetzt ist es schon spät, um ein Alter zu haben.

Die verdammten Frauen haben mir die Zeit weggesogen,  
ich gab ihnen Jahre und sie gaben mir Enttäuschungen zurück.

Verzeiht mir, wenn ich durcheinanderrede, Ideen und Gedanken vermische,  
aber es ist, weil ich von einer alten Wut besessen bin.

Wir wollen immer jetzt leben und später sterben.

Ich wünschte erst zu sterben wenn kein Leben mehr in meinem Inneren wäre.

Mas o que estou a ver é o seguinte:  
quanto mais vou caminhando para velho, mais vida encontro dentro de mim.  
E isso, meus amigos, isso podia ser bom, mas não é:  
pois a vida que teima dentro de mim é uma vida que não é minha...  
nem sei explicar,  
foram as mulheres, amores antigos...  
Porque é que eu, alguma vez, me abandonei a essas fraquezas?...  
Amar, amar, amar...a carne é fraca e o coração é feito só de fraquezas.

Porque vos digo uma coisa: não são os países que estão mal governados.  
A existência humana toda ela está mal governada.

Devia haver uma repartição em que podíamos pedir uma segunda via da nossa vida.  
Reclamávamos sobre a nossa vida e ganhávamos direito a emissão de uma segunda via.  
Era isso  
ou podermos ter asas e voar.  
Você já viu passarinho envelhecer?  
Pois eu digo: se nós voássemos, haveríamos sempre de ser criança.  
No céu, o tempo não passa, é uma nuvem.  
Era onde queria estar, numa nuvem.  
Às vezes, me apetece tanto ser uma nuvem.

Mas não há voo.  
Nem nuvem... nem segunda vida, nem o raio que nos parta.  
O fruto maduro está na árvore e só cai na nossa mão quando já não se pode comer,  
de tão podre que está.

E é por isso, meus amigos, que eu...  
E é por isso, meus amigos, que eu anuncio o seguinte: eu venho aqui para matar.  
É verdade, estou aqui para matar.  
Matar, sim. Matar.  
À vossa frente, vou matar.  
A palavra ainda me dá medo.  
Mas a gente, às vezes, tem mais medo das palavras do que dos actos e dos factos.  
(...)

Aber was ich beobachte ist Folgendes:  
Je mehr ich dem Alter entgegengehe, umso mehr Leben finde ich in mir.  
Und das, meine Freunde, das könnte gut sein, ist es aber nicht:  
Denn das Leben, das in mir beharrt, ist ein Leben, das nicht meines ist ...  
ich kann es nicht einmal erklären,  
es waren die Frauen, alte Lieben ...  
Warum habe ich mich manches Mal diesen Schwächen hingegeben? ...  
Lieben, lieben, lieben ... das Fleisch ist schwach und das Herz besteht nur aus Schwächen.

Denn ich sage Euch eins: nicht die Länder werden schlecht geführt,  
die gesamte menschliche Existenz wird schlecht geführt.

Es müsste ein Amt geben, bei dem wir die Ausgabe einer Kopie unseres Lebens beantragen  
können. Wir könnten uns über unser Leben beschweren und würden das Recht auf eine  
Kopie bekommen. Das wär's.  
Oder wir könnten Flügel haben und fliegen.  
Hast du schon ein Vöglein altern sehen?  
Denn ich sage Euch: wenn wir fliegen könnten, würden wir immer Kind sein.  
Im Himmel vergeht die Zeit nicht, sie ist eine Wolke.  
Da wäre ich gerne: in einer Wolke.  
Manchmal hätte ich Lust, eine Wolke zu sein.

Aber es gibt keinen Flug.  
Und keine Wolke ... und kein zweites Leben und was weiß ich noch...  
Die reife Frucht hängt am Baum und fällt nur in unsere Hand, wenn man sie nicht mehr essen  
kann, so faul ist sie schon.

Und deshalb, meine Freunde, ...  
und deshalb, meine Freunde, kündige ich Folgendes an: Ich komme hierher, um zu töten.  
Es ist wahr, ich bin hier, um zu töten.  
Töten, ja, töten.  
Vor Euch werde ich töten.  
Das Wort macht mir noch Angst.  
Aber wir haben manchmal mehr Angst vor Wörtern als vor Taten und Fakten.  
(...)

## V Acto

### A FALA DE JUDITE MALIMALI

Eu, Judite Malimali.

Jornalista e poetisa.

Nascida nesta vila de Xigovia num dia de chuva,  
que naquela época eram quase todos os dias.

Acho até que as pessoas nasciam da chuva,  
cada pingo uma pessoa.

Também acho que nasciam mais mulheres do que homens.

Lembro-me de ouvir o meu avô a gritar:

„estão a chover mulheres”.

E de facto deviam chover porque ele teve ao menos umas trinta.

O meu pai, Musalém Malimali teve seis a viver sob o mesmo tecto.

Elas disputavam as partes dele: „as pernas são minhas”, reivindicava uma.

„Os olhos são meus”, gritava a outra.

Eu jurei a mim mesma, ainda muito nova, não me apaixonar por nenhum homem  
porque preferia ficar para tia a ter a sétima parte de um marido,  
ou um quinze avos de um marido.

Depois cresci

e um dia li Fernando Pessoa

e foi uma revelação.

Se podemos ser muitas pessoas, porque haveremos de ser apenas uma única?

Jurei a mim mesma que seria as duas mulheres do meu marido, ou as quatro,  
ou mesmo as sete, as que ele quisesse –

jurei que me desdobraria em heterónimos eróticos,  
cada noite uma mulher diferente, umas vezes preta, outras mulata ou ruiva,  
umas vezes sabendo a mel e outras a tamarindo,  
umas vezes ingénua e outras louca e atrevida.

## V. Akt

### DIE REDE VON JUDITE MALIMALI

Ich, Judite Malimali.

Journalistin und Dichterin,

geboren in diesem Dorf von Xigovia an einem regnerischen Tag,  
zur damaligen Zeit waren fast alle Tage so.

Ich glaube, die Menschen kamen durch den Regen auf die Welt,  
jeder Tropfen ein Mensch.

Ich glaube auch, dass mehr Frauen auf die Welt kamen, als Männer.

Ich erinnere mich, wie ich meinen Großvater schreien hörte:

„es regnet Frauen“.

Und in der Tat mussten sie wie Regen fallen, denn er hatte mindestens dreißig davon.

Mein Vater, Musalém Malimali, hatte sechs, die unter demselben Dach lebten.

Sie stritten sich um seine Körperteile: „Die Beine gehören mir“, beanspruchte die eine.

„Die Augen gehören mir“, schrie die andere.

Ich habe mir selbst geschworen, als ich noch sehr jung war, dass ich mich nie in einen Mann  
verlieben würde.

Denn lieber würde ich als Tante da stehen, als ein Siebtel eines Ehemannes zu besitzen,  
oder ein Fünftel des Bruchteils eines Ehemannes.

So bin ich aufgewachsen

und eines Tages las ich Fernando Pessoa

und es war eine Offenbarung.

Wenn wir mehrere Menschen sein können, warum sollte ich nur ein Einziger sein?

Ich schwor mir selbst, ich würde beide Frauen meines Ehemannes sein, oder alle vier,  
oder auch alle sieben, so viele, wie er wollte –

ich schwor, dass ich mich in erotische Heteronyme verwandeln würde,

jede Nacht in eine andere Frau, manchmal eine Schwarze, ein andermal eine Rothaarige,  
ab und zu mit Honiggeschmack und ein andermal mit Tamarindo-Geschmack,  
ab und zu naiv und ein andermal verrückt und unverschämt.

Foi mais ou menos por essa altura que conheci Baltazar Fortuna.  
Ele desceu lá da capital, como quem desce de um disco voador,  
num fulgor de luzes e falando inglês.

Para nós tudo nele era inédito, das unhas brilhantes e tratadas, como as de uma mulher, ao elegante chapéu de seda.

Parecia ser íntimo de toda a gente, políticos e poetas, empresários e desportistas, pessoas que nós conhecíamos de aparecerem nos jornais.

Eu dizia um nome de um escritor importante, e logo ele, com um sorriso de desdém.  
„Ah esse! Conheço bem. Gosta de beber,  
bebe mais do que respira.  
Além disso cheira mal dos pés”.  
Ou então: „Fulano? Ah, quem escreve os livros dele é a mulher!”.

Até hoje não sei se me apaixonei por ele ou, através dele, pela capital.  
(...)  
Depois, um belo dia, desapareceu e eu soube que tinha voltado para a capital.

Nos meses seguintes escrevi muito. Longos poemas desesperados.  
Os desgostos de amor, já se sabe, favorecem a literatura.

E então, quando eu já o tinha esquecido – voltou.

Ouvi-o da rua a gritar o meu nome. Baltazar sempre gostou de gritar.  
Continua a ter uma bela voz.  
Cheguei-me à varanda e lá estava ele, com o seu negro chapéu de seda,  
e o rosto reluzente.

Mas todo aquele brilho, que na altura me pareceu uma aura,  
como a que trazem os santos nos altares, eu percebia agora ser suor –  
Baltazar luzia não de sofisticação e mundanidade e sim de gordura. Pura gordura.  
De sofisticado ele só tinha o esticado, além dos sofismas.  
(...)

Es war ungefähr zu dieser Zeit, als ich Baltazar Fortuna kennen lernte.  
Er stieg von der Hauptstadt aus, wie Einer, der von einer fliegenden Untertasse aussteigt,  
im Glanz der Lichter und redete Englisch.

Für uns war alles an ihm neu, von den lackierten und gepflegten Fingernägeln, wie die einer  
Frau, bis hin zum eleganten Seidenhut.

Er schien intim mit allen Menschen zu sein, Politiker und Dichter, Unternehmer und Sportler,  
Menschen, die wir nur deshalb kannten, weil sie in den Zeitungen erschienen.

Ich sagte den Namen eines wichtigen Schriftstellers und er – sofort mit einem verachtenden  
Lächeln – „Ach, der da! Den kenne ich gut. Er trinkt gerne,  
er trinkt mehr als das, er atmet.  
Darüber hinaus hat er Stinkfüße“.  
Oder auch: „Der Dingsda?“ Ha, seine Frau schreibt seine Bücher!“.

Bis heute weiß ich nicht, ob ich mich in ihn verliebt habe oder durch ihn in die Hauptstadt.  
(...)  
Dann, eines schönen Tages, verschwand er und ich erfuhr, dass er zur Hauptstadt  
zurückgekehrt war.  
In den darauffolgenden Monaten habe ich viel geschrieben. Lange, verzweifelte Gedichte.  
Liebeskummer, das weiß man, begünstigt die Literatur.

Und dann, als ich ihn schon vergessen hatte – kehrte er zurück.

Ich hörte ihn, von der Straße aus, meinen Namen schreien. Baltazar hat immer gerne  
geschrien. Er hat immer noch eine schöne Stimme.  
Ich ging auf die Veranda hinaus und da war er, mit seinem schwarzen Seidenhut und  
glänzenden Gesicht.

Aber all dieser Glanz, der mir einst wie eine Aura zu sein schien, wie sie die Heiligen auf den  
Altären tragen, merkte ich nun, war nur Schweiß –  
Baltazar glänzte nicht wegen der Kultiviertheit und Weltlichkeit, sondern wegen dem Fett.  
Fett pur. An Kultiviertem hatte er nur seine stramme Haltung, außer der Sophisterei.  
(...)